

entre o som e o silêncio

Marina Ribeiro Mattar¹

Parte i.

Considerações materiais sobre o silêncio

O silêncio, sendo um certo de tipo de som,
Um não-som / é objeto das artes do tempo
Como a música

★

Na impossibilidade de marcar o silêncio, podemos sempre o contrapor a um
[som:
mecânico ou natural
Então, se o silêncio se marca através de contraste, como um ato de enunciação,
[algo que
acontece onde acontece, então tanto silêncio quanto som são também artes do
[espaço

★

Quando é madrugada e os carros, as pessoas, os ciclistas e ruídos deixam a rua
[da minha casa
Eu escuto o silêncio da rua, como se pouco a pouco ele emergisse
Mas o silêncio sempre esteve ali

★

O silêncio e o som habitam a gente
Estão no tempo, no espaço e na experiência interior

★

¹ Marina Ribeiro Mattar é poeta e doutoranda no programa de pós-graduação em Estudos Literários da UFMG. Publicou *Vênus partida ao meio* (Patuá, 2017), *Estaca zero & outros desvios de percurso* (Urutau, 2018) e *Toda janela é algum tipo de saída* (Penalux, 2019) sob o pseudônimo Marina Rima. E-mail: marina.rmattar@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3879-7775>.

Além disso, é difícil fugir do som exterior
O corpo, quando falamos dos olhos, tem um mecanismo próprio pra se fechar
[ao mundo
Ficar dentro, deixar de ver para negar a visão, voluntariamente
Mas quando falamos dos ouvidos, somos reféns do silêncio e do som
É preciso um instrumento, uma engenharia, uma mecânica que altere o som no
[espaço,
por bloqueio, negação ou metamorfose

★

Conforme chegamos aqui, vamos trazendo nossos próprios sons
E experimentamos nosso próprio silêncio
Entre tudo isso permanece o ruído
Som e silêncio num mesmo espaço
Impossíveis de se separarem

Parte ii:
Como furar o vazio

Romper o silêncio para romper o silêncio.
O ato em si
Mas o silêncio é algo exatamente que se pode romper?
O que é o silêncio, afinal?
Espécie de vazio? Espaço de abertura?
Uma abrupta negrura? Uma abrupta brancura?
O silêncio é o sem som?
John Cage nos diz:
“there is no such thing as silence”
Uma vez dentro de uma câmara anecoica
(à prova de som)
John Cage ouviu dois sons:
Um agudo
Outro grave
O agudo era seu sistema nervoso
E o grave seu sangue em circulação:
O silêncio
Ou o 13º. Som

★

Mallarmé, em seu icônico livro *Um lance de dados jamais abolirá o acaso*
Disse: uma insinuação simples ao silêncio enrolada em ironia ou o mistério
[precipitado uivado
Escrito em um branco da página que significava o “silêncio significante”
O “abismo, branco, estanco, iroso”
O silêncio como uma pluma ou como uma rocha
“nessas paragens do vago, onde toda a realidade se dissolve”
Onde todo som vira silêncio

★

Presença
Fragmentação

★

Se antes de Mallarmé, simbolista de formação
– Vanguardista não por acaso –
O espaço branco da página fora só a moldura do poema
O silêncio da audiência
A solenidade de quem escreve e de quem escuta
Depois dele
O silêncio deixa de ser ausência
E se faz presença
Algo que está: entre o diante
E o dentro
Algo que contorna e que preenche
O som total
A soma da expressão do indizível
E do dizível

★

Um dia eu escrevi:
Eis que se aloja o silêncio
Não por falta, mas por excesso de palavra
E o que eu quis dizer?
Eu só quis dizer o que eu disse
Com a sobra de palavras que me faltava

★

Escrever com a falta, isso é negar o silêncio
Negar a presença constante das palavras na poesia
Isso é afirmar o silêncio

*

John Cage certa vez disse
“*i have nothing to say and im saying it*”
Romper o silêncio com a comunicação que não comunica
Afirmar o presente / negar a motivação
Dizia Pignatari: só o incomunicável comunica
Há muita coisa pra querer dizer ou dizer
E, no entanto, muita coisa fica sem ser dita
O silêncio como um tipo de fala

*

Uma vez escrevi:
no
cerne
da
solidão
me
ausento
do
som
é o silêncio
quem fala
em
mim

o silêncio, esse inexprimível natural

*

Duchamp quando perguntado, certa vez, o que estava fazendo,
Disse: eu respiro
Silêncio

*

Mas como encontrar o silêncio?
Se o silêncio fosse o sem som que forma ele teria?
Como tatear o silêncio e fazer dele escultura?
Como pintar o silêncio numa ripa de madeira?
Como um fato, um objeto, um tema, uma obra:
Material – cheia de materialidade

✱

“Não existe essa coisa chamada silêncio”, John Cage sabia e nos diz a toda hora

✱

Uma vez escrevi:
Amo silenciosamente como um rio que navega sem deixar rastro
Como um rio navega sem deixar rastro,
Se tudo é, senão, rastro?
O silêncio que está no amor e na natureza
Impossível nos dois
Porque tanto amor quanto rio são palavras
Que precisam ser marcadas nos seus leitos
Que dependem de movimento e navegabilidade
Para dispersarem
Para alcançarem o silêncio

✱

Caeiro uma vez disse: “corre o silêncio pela erva fora”
E “Lá fora, há um grande silêncio como um Deus que dorme”.
O silêncio de fora, o silêncio de tudo
Porque pra Caeiro a natureza é silêncio
E a linguagem dos homens só existe para dar nome às coisas

✱

Para Herberto Helder o silêncio é só coisa coberta de nomes
E tantos nomes que não há para dizer o silêncio...

✱

Escrever é um ofício
Mas também um ato de amor e morte
Como John Cage que devotou a vida a bater a cabeça num muro

>>

Ao negar a harmonia
E encontrar no ruído o som total
O único som que não se dissipa
E ainda, assim, o mais volátil de todos os sons
Aquele que nunca se repete
O movimento que Bataille dissera ser o rompimento
Da estase para o encontro do êxtase

✱

É preciso “dançar com o corpo lento um baile de cem dias”,
Experimentar o sensacionismo de Pessoa
E dar formas e odores e toques e contornos
Impossíveis
Em objetos impossíveis
Porque o silêncio, tal qual tudo
É uma espécie de impossível material
Algo feito de vestígios

✱

Mesmo que se nade em mar aberto
O corpo só toca um tanto de mar
E, no entanto, qualquer indício deixado pelo banhista
Atravessa o mar inteiro
É o silêncio como memória

✱

Há tanto pra entender do silêncio
E tão pouco
Como se o gesto de estender o braço
Pudesse nos fazer tocar o ausente
Porque é o gesto, a linguagem universal
Deste antigo e redondo planeta terra
Em que tudo gira sem poder encontrar sua face
A parte obscura da lua é parte dela
Como é a metafísica da física
Como não há uma sem outra
Não há silêncio sem som
Ou como disse John Cage
“Nenhum som teme o silêncio que o ex-tingue
E não há silêncio que não seja grávido de som”